

O QUE É A VEDANTA

Swami Paratparananda¹

27/11/1972

O significado da palavra Vedanta é: “parte final dos Vedas”. Os Vedas são os livros sagrados dos Hindus; a palavra *Veda* em sânscrito significa “A Sabedoria”. Podem-se dividir os Vedas em duas partes, a primeira compreende os hinos que são designados como *Samhita* e os textos sobre os métodos dos rituais e sacrifícios, que se chamam *Bráhmanas*; a segunda parte constitui a filosofia ou Conhecimento, os *Upanishads*. Toda a filosofia Hindu está baseada nos *Upanishads*, que geralmente se designa como Vedanta. Ainda que a palavra Vedanta denote a última parte dos Vedas, nem todos os *Upanishads* se encontram na parte final destes. Alguns se encontram nos *Bráhmanas*, ou parte ritual dos Vedas. Por exemplo, o *Isha Upanishad* forma o capítulo quarenta do *Yayur Veda Samhita*. Há outros *Upanishads* que são independentes, ou seja, não estão incluídos nem nos *Bráhmanas* nem em outras partes dos Vedas, no entanto não existe nenhuma razão para supor que são completamente independentes das outras partes, pois sabemos que muitos textos se perderam. Portanto é muito possível que os *Upanishads* independentes pertenceram a alguns *bráhmanas* que com o passar do tempo deixaram de ser usados, enquanto que os *Upanishads* permaneceram.

Vedanta é ao mesmo tempo uma filosofia e uma religião prática. Na Índia filosofia como mero intelectualismo não tem muita importância; para os hindus a filosofia deve ser prática, que possa ser praticada na vida diária. Deve ser útil para o homem comum para formar sua vida neste mundo e elevar-se ou unir-se com deus. Também a religião para eles não significa meramente crer em alguns dogmas ou credos, senão levar à prática as crenças.

Swami Vivekananda disse: “As primeiras ideias religiosas começam com a de Deus”. Aqui está o universo e é criado por um Ser. Tudo o que se encontra neste universo foi criado por Ele. Junto com essa ideia, em uma etapa posterior, chega a [ideia] da alma - de que existe este corpo e existe também dentro dele algo que não é o corpo. Esta é a ideia mais primitiva que conhecemos da religião. Podemos achar alguns seguidores dela na Índia, mas foi descartada há muito tempo. As religiões

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, *Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

na Índia começam de um modo particular. Só mediante aguda análise e muita conjectura podemos pensar que aquela etapa existiu nestas religiões. O estado tangível em que as achamos é a etapa seguinte, não a primeira. Na mais antiga etapa a ideia de criação é muito peculiar e é que todo o universo foi criado do zero, segundo a vontade de Deus; que não existia este universo e do nada foi gerado. Na etapa seguinte encontramos que esta conclusão é duvidosa. Como pode ser produzida a existência da inexistência? É o primeiro passo da Vedanta. Se este universo é existente, deve ter sido gerado de algo, porque é fácil ver que nada se cria do nada em nenhuma parte. Se quisermos construir uma casa são necessários materiais que já existam; se vemos um bote podemos concluir que sua matéria prima já existia previamente. Portanto naturalmente a primeira ideia de que este universo foi criado do nada foi rechaçada, mas faltava conhecer o material com que foi criado este mundo. Toda a história da religião, na realidade, é a busca deste material.

“De que foi produzido tudo isto? De quê, Deus criou tudo?” Todas as filosofias, por assim dizer, giram ao redor desta questão. Uma solução é que a natureza, Deus e o ser individual são existências eternas como se fossem três linhas paralelas que correm eternamente, das quais a natureza e a alma [ser individual] compõem o que se chama de dependentes de Deus, que é por sua vez, a Realidade independente. Cada alma, da mesma forma que cada partícula de matéria, depende por completo da vontade de Deus.

Contudo todos os vedantistas têm uma psicologia comum; quaisquer que sejam suas filosofias, sua psicologia é a mesma, a *Sankhia*. Segundo esta, a percepção é causada pela transmissão das vibrações que chegam primeiro aos órgãos externos dos sentidos, daí aos [órgãos] internos, em seguida à mente, daí chegando ao *buddhi* ou intelecto e em seguida ao Atman, ao Ser.

Este Ser é potencialmente divino e eterno. No entanto, achamos três aspectos da Vedanta em sua filosofia segundo seu conceito do Ser, a saber, dualismo, monismo qualificado e monismo puro, ou melhor, não-dualismo, já que em sânscrito *advaita* significa não-diversificação. O primeiro considera que existe distinção perceptível entre a alma, ou ser individual, a natureza e Deus. Isto é, que a alma sempre permanece separada de Deus durante a eternidade, que a alma, ou *jiva*, é pequena, impotente, sempre dependente de Deus. O segundo, ou seja, o monismo qualificado, considera a natureza e a alma como o corpo de Deus; as almas nunca estão separadas de Deus, são partes Dele. Quando se liberam permanecem em Sua presença e gozam da bem-aventurança eterna.

Em troca, o não-dualismo insiste em que *Brahman* ou Deus não é distinto do ser individual, que não existem muitas almas, que é a

ignorância ou *maya* que projeta a multiplicidade que vemos no mundo. Tudo o que existe – segundo eles [os não-dualistas] – é a manifestação de Deus; o ser individual é idêntico à *Brahman*. Para ilustrar como chegamos a considerar o mundo como algo distinto de Deus, dão o exemplo bem conhecido, da serpente sobreposta em uma corda na escuridão. Um homem na escuridão se equivoca e vê uma serpente em uma corda que está no caminho e se espanta; mas depois quando alguém lhe assegura que não há serpentes nesse lugar e levando uma lanterna lhe mostra a corda, compreende que estava iludido. Da mesma forma, sob o feitiço de *maya*, ou ignorância, o ser humano considera todo o manifestado como distinto de Deus, mas quando logra desfazer-se da ignorância percebe que não existiu nada senão Deus todo o tempo; que era sua ignorância sobre a realidade que produziu esta ilusão da multiplicidade. Também dão o exemplo da miragem: um homem sedento em um deserto avista um oásis de árvores com frutas suculentas e um lago de água limpa e se apressa a chegar lá, no entanto quanto mais avança em sua direção o vê cada vez mais distante. E aquele que conhece este fenômeno, depois de um tempo se dá conta disto. E assim que o descobre não se deixa enganar mais. No entanto, enquanto se encontra no deserto o fenômeno volta a aparecer diante dele. Mas todas as vezes que aparece, ele sabe que é uma ilusão e não se torna mais sua vítima. Da mesma forma, aquele que realizou e viu intimamente a Deus, a Realidade, não se deixa levar pelo encanto da multiplicidade. Então, sabe que a Realidade, a Existência, é única. E tudo aparece como real por causa dessa Existência que está por trás de tudo. Este aspecto se chama em sânscrito *Advaita*, ou não-dualismo.

Podemos considerar a todos estes aspectos como etapas progressivas. O homem comum que está consciente de seu corpo e da multiplicidade, que se considera como um indivíduo separado dos demais e, no entanto anela por ver a Deus, não pode seguir o aspecto do não-dualismo. A maioria da humanidade é incapaz de compreender a altíssima filosofia do não-dualismo, porque nela se apresenta a Realidade, a Existência, como Absoluta, Abstrata, sem forma. O homem comum necessita de um Deus Pessoal para fixar sua mente. Para isso não há melhores exemplos que as Encarnações Divinas. Não se pode imaginar um Deus Pessoal mais excelso que aquele que se manifesta como Deus-homem. A mente humana, circunscrita como está por suas debilidades, não pode conceber um ser mais eminente que a Encarnação Divina. Nela se percebem com maior claridade as maiores virtudes e qualidades. A compaixão e o amor sem motivo transbordam de Seu coração para todos os seres vivos; Ela é a personificação da Verdade e de outras magnas qualidades. Por conseguinte, a adoração das Encarnações Divinas é conceituada como igual à de Deus.

Todos os vedantistas estão de acordo sobre três pontos. Creem em Deus, nos Vedas como revelações divinas e nos ciclos. A crença sobre os ciclos é a seguinte: toda matéria em todo o universo é o resultado visível da matéria primária chamada *akasha* e toda força, seja gravitação, atração ou repulsão, ou vida, é a consequência de uma força primária chamada *prana*. O *prana*, atuando sobre o *akasha*, cria ou projeta o universo. Ao começo de um ciclo o *akasha* está imóvel, não-manifestado; em seguida o *prana* atua mais e mais, projetando formas mais e mais densas do *akasha*: as estrelas, as plantas, animais e seres humanos. Depois de um tempo incalculável esta evolução cessa e começa a involução. Tudo se transforma pouco a pouco em formas mais e mais finas, sutis, até que tomam a forma original de *akasha* e *prana*. Em seguida começa um novo ciclo. Há algo que está além de *akasha* e *prana*; estes dois podem transformar-se em um terceiro elemento chamado *mahat*, a Mente Cósmica. Esta não cria o *akasha* e o *prana*, senão que se converte por si mesma neles. Este processo de ciclos segue eternamente, começa com a projeção que chamamos criação, em seguida a dissolução; depois de um período de não-manifestação, começa novamente a projeção.

Vamos falar agora da psicologia *sankhia*. Segundo ela, na percepção, por exemplo, no caso de ver algo, primeiramente existem os instrumentos da visão, os olhos; por trás dos instrumentos está o órgão correspondente ou *indrya* - o nervo ótico e seu centro no cérebro - que não é o instrumento externo, mas sem o qual os olhos não podem ver. Porém se necessita mais para ter a percepção. A mente deve colocar-se em contato e prender-se a este órgão; além disso, é necessário que a sensação chegue ao intelecto ou *buddhi*, a faculdade determinativa da mente. Quando chega a reação de parte do intelecto, junto com ela aparece o mundo externo e o ego, mas o processo ainda não está completo. Todas as ideias na mente devem ser unidas e projetadas sobre algo que permanece sem movimento, ou seja, sobre o que é chamado de Alma, ou Purusha ou o Atman.

Segundo a psicologia *sankhia*, o estado reativo da mente chamado *buddhi* ou intelecto, é o resultado da mudança ou certa manifestação do Mahat ou Mente Cósmica. O Mahat se transforma em pensamentos vibrantes e estes em parte se convertem em órgãos sutis e em parte se transformam nos cinco elementos sutis, a saber: espaço, ar, fogo, água e terra. Devido à combinação destes últimos, é produzido todo o universo. Além do Mahat está o Aviakta, o não-manifesto, onde nem a manifestação da mente está presente. Só existem as causas. Também é chamado de *Prakriti*. Além desta *Prakriti* e eternamente separado dela, está o *Purusha*, a alma dos *sankhias*, que não tem atributos e é onipresente. O *Purusha* não é o ator senão a testemunha.

Os vedantistas rechaçam as ideias *sankhias* sobre a alma e a

natureza. Afirmam desde o começo que esta alma e esta natureza são uma e mesma coisa. Mesmo os dualistas entre os vedantistas admitem que Brahman, ou Deus, não é somente a causa eficiente deste universo senão também a [causa] material. Só dizem isto em palavras, mas não tentam chegar a uma conclusão. Dizem: “Existem três coisas, Deus, a alma e a natureza; a natureza e o ser individual são, por assim dizer, o corpo de Deus e neste sentido se pode dizer que Deus e o universo inteiro são uma e a mesma coisa. Mas esta natureza e estas almas diferentes, ficam separadas umas das outras através da eternidade; só no começo de um ciclo se manifestam e quando o ciclo termina voltam ao seu estado fino ou sutil”.

Os não-dualistas rechaçam esta teoria da alma e constroem sua própria filosofia, sobre os ditos dos Upanishads que em sua maioria estão em seu favor. Disse um dos Upanishads: “Quando se conhece um pedaço de argila também se conhece todos os elementos feitos de argila, como por exemplo, a jarra, o prato, a taça e o pote, já que todas estas coisas não são nada mais que formas da mesma argila. Do mesmo modo, conhecendo Brahman, o Ser Supremo, o Absoluto, o Infinito, se conhece tudo, pois tudo que está manifestado são variações de nomes e formas, a realidade é só Brahman”. Aqui claramente demonstra que o universo não é senão Brahman, Deus. Surgirá a pergunta: Se Deus se converteu em tudo isto, o que algebricamente podemos chamar de X, não implica que o restante de Deus seria Deus menos X? A isto os advaitistas ou não-dualistas respondem: Nada disto; todo o universo é só uma aparência, uma ilusão. Todo este universo e todas as criaturas que nascem e morrem, todo este número infinito de almas que se elevam e decaem, são sonhos; não existe nenhum ser individual. Como pode haver muitos? Tudo é a Realidade Única. Pois, disse um dos Upanishads: “Assim como o sol refletido em distintas partículas de orvalho parece como muitos e cada sol refletido nelas é uma imagem perfeita dele e sendo que, no entanto só existe um sol, desta mesma forma todos os *jivas* ou seres individuais são reflexos do Infinito nas diferentes mentes”. Portanto o ser humano como corpo, mente ou alma é um sonho, sendo que realmente é a Existência, Consciência e Bem-aventurança Absoluta. Esta é a posição do não-dualista. Para nós que não transcendemos a ideia de que somos o corpo, esta posição pareceria incongruente, mais ainda, uma bobagem, mas devemos dizer que aqueles que chegaram a esta conclusão não eram charlatões senão que realizaram o que estavam dizendo. Os *rishis*, videntes que proclamam esta ideia nos Upanishads da muito antiga Índia, e os grandes mestres como Goudapada e Shankaracharya, que vieram depois, experimentaram sua unidade com o Absoluto. Na Índia talvez nunca tenha faltado seres que realizaram este estado de não-dualismo. Para os que ainda duvidam de uma experiência deste tipo

vamos citar o que aconteceu com Swami Vivekananda quando se aproximou de Sri Ramakrishna. Narendra – como se chamava Swami Vivekananda naquela época - não apenas duvidava como também ridicularizava este ensinamento. Quando Sri Ramakrishna queria ensinar-lhe um texto não-dualista² pedindo-lhe que o lesse diante dele, protestava dizendo: “Estes *rishis* devem ser loucos; dizem que tudo é Brahman. Isto é uma blasfêmia, pois não há nenhuma diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não há maior pecado neste mundo que pensar em mim mesmo como idêntico com o Criador. Eu sou Deus! Você é Deus! Estas coisas criadas são Deus! O que pode ser mais absurdo do que isto? Os sábios que escreveram estas coisas devem ter sido insanos”. Sri Ramakrishna se divertia diante desta atitude abertamente áspera de Naren e apenas dizia: “Pode ser que não aceites a opinião destes sábios, mas como podes insultá-los ou limitar a Infinitude de Deus? Continue rezando para o Deus da Verdade e creia em qualquer dos Seus aspectos para que Ele se revele diante de ti”. Mas Narendra não se submeteu facilmente; tudo o que não estava de acordo com a razão ele o considerava como falso e era sua natureza opor-se a toda falsidade.

Como consequência, não deixava escapar nenhuma oportunidade de ridicularizar a filosofia Advaita. Mas o Mestre sabia que o caminho de Narendra era o caminho de Jnana, Conhecimento; por esta razão persistia em falar-lhe desta filosofia. Certo dia [Sri Ramakrishna] tentou fazer-lhe compreender a identidade do ser individual com Brahman, mas sem êxito. Narendra saiu do quarto e aproximando-se de Pratap Chandra Hazra – um cavalheiro que vivia naquela época em Dakshineswar – lhe disse: “Como pode ser isso? Esta jarra é Deus, esta taça é Deus, também nós somos Deus, nada pode ser mais absurdo!” E riu a gargalhadas. Sri Ramakrishna, que estava em seu quarto em um estado semiconsciente, ouvindo as risadas de Naren, saiu com sua roupa embaixo do braço, como um menino e disse sorrindo: “Olá! Do que estão falando?” E tocou a Narendra e entrou em *samadhi*, ou êxtase espiritual. O efeito do toque, Naren o descreveu assim: “O toque mágico do Mestre naquele dia, imediatamente produziu uma maravilhosa mudança em minha mente. Espantado, via que realmente não havia nada no universo, senão Deus; vi muito claramente, mas fiquei em silêncio para ver se a ideia durava. Mas a impressão não diminuiu com o passar do dia. Voltei para casa, mas ali também tudo o que via parecia Brahman. Sentei-me para comer e vi que todas as coisas – a comida, o prato, a pessoa que me servia e até eu mesmo – não era nada além Daquele. Comi uma ou duas porções de comida e permaneci mudo; fiquei surpreso pelas palavras de minha mãe que dizia: ‘Por que está aí sentado imóvel? Termina tua comida.’ Comecei

² Ashtavakra Samhita, também conhecido como Ashtavakra Gita (nota do tradutor).

a comer, mas todo o tempo, enquanto comia, estava deitado ou ia a Universidade, tinha a mesma experiência e sentia constantemente um tipo de estado letárgico. Enquanto caminhava pelas ruas percebia a passagem das carruagens mas não me sentia inclinado a afastar-me de seu caminho. Sentia que os carros e eu mesmo éramos de uma mesma matéria; não tinha sensação em meus membros, tanto que acreditava que estavam paralisados. Não sentia gosto pela comida, ou melhor, sentia como se alguém estivesse comendo por mim. As vezes me deitava durante a comida e depois de algum tempo me levantava de novo para continuar a comer. O resultado foi que em alguns dias comia demasiado mas isso não me fez mal. Minha mãe se assustou e disse que devia haver algo errado com minha saúde. Ela temia que eu não vivesse muito tempo. Quando esse estado mudou um pouco, o mundo começou a parecer-me um sonho. Enquanto caminhava pela praça da cidade batia minha cabeça contra as grades para comprovar se eram reais ou apenas um sonho. Este estado continuou por alguns dias. Quando me normalizei de novo me dei conta que devo ter tido um vislumbre do estado de Advaita; então me ocorreu que as palavras das escrituras sagradas não eram falsas. Desde então não pude mais negar as conclusões da filosofia Advaita”.

Uma teoria muito convincente sobre a disparidade que encontramos no mundo é a que afirma a Vedanta. É a [teoria] do Karma, que expressa que todos os seres humanos estão colhendo o que semearam, ou seja, sua condição neste mundo é o resultado de suas ações nas vidas anteriores. É ele quem fabricou seu nascimento e vida feliz ou infeliz. Somos responsáveis pelo que somos, ninguém é culpado de nosso infortúnio, mas nós mesmos. Mas não devemos confundir esta teoria com o fatalismo. Há uma ideia muito alentadora nesta teoria: se chegamos a padecer nesta vida de sofrimentos e morte como consequência de nossas ações, poderemos elevar-nos e liberar-nos mediante estes mesmos meios, ou seja, por nossos atos e pensamentos bons. A teoria do Karma é como a da ação e reação, o resultado da ação persegue ao homem até que este resultado termine. Todos os atos geram resultados bons e maus. E para desfrutar dos atos meritórios, aquele que os executa com motivo pessoal vai aos ‘céus’ – dizem as escrituras sagradas hindus. Mas nesse caso, os ‘céus’ significam apenas um lugar de gozo e quando termina o mérito dos atos, ele tem que voltar a esta terra segundo seu desejo e os deméritos das ações anteriores. Além disso, dizem: ‘Só os atos dos seres humanos produzem resultados bons ou maus, mas não os [atos] dos animais, nem os [atos] dos *devas*, ou seres celestiais. Eles só colhem o que semearam’. Portanto aquele que quer liberar-se deve desapegar-se de todos os objetos mundanos, de todos os desejos.

Uma declaração maravilhosa da Vedanta se encontra no Rig Veda, que é o mais antigo de todos. Diz: “A Existência é Única, os sábios A

chamam por distintos nomes”. Ou seja, Deus é Único ainda que as raças e as seitas de diferentes religiões O chamem pelos nomes que lhes agradem. Este é um fato que Sri Ramakrishna provou em sua vida. Praticou não somente as distintas disciplinas das seitas do Hinduísmo, senão também as do Islã e Cristianismo. E chegou a ter a Realização final de todas elas. Depois disse: “As várias opiniões são vários caminhos para chegar à mesma Realidade”. Portanto a Vedanta não menospreza nenhuma religião, e mais, aceita a todas como verdadeiras. Tampouco quer converter a nenhum ser humano que segue uma religião, senão que o ajuda a confirmar sua fé em sua própria religião e a tirar dúvidas que prevaleçam em sua mente. É por isso que a Vedanta não tem disputas com nenhuma religião. Desde os tempos remotos a Índia deu refúgio a todos os perseguidos. Os persas – seguidores de Zoroastro – fugiram de seu país para preservar sua religião e foram recebidos com os braços abertos na Índia. Tudo o que restou de sua religião se encontra apenas na Índia. Poderíamos citar mais exemplos, mas o que dissemos é suficiente para demonstrar quão profundamente o povo hindu absorveu esta ideia de que a Existência é Única e os que os sábios A chamam por diferentes nomes.

Também podemos encontrar a base fundamental da moral no não-dualismo, ao afirmar que não existem muitas almas, todo ser vivente é Brahman. Por isso aquele que odeia o próximo, odeia a si mesmo. Se não fosse por isso, por que deveríamos andar pelo caminho reto? Ou seja, por que não roubar ou enganar as pessoas para nossa própria felicidade? Seria por medo da sociedade ou da justiça? Nesse caso quando o homem se sentisse forte ou bastante astuto, cometeria atos viciosos para apoderar-se dos bens alheios. Mas a moral baseada na consciência de que todos somos um não lhe permitirá fazer nenhum dano ou enganar a seus semelhantes.

Dissemos que a Vedanta aceita a todas as religiões como verdadeiras. Devemos notar que a palavra ‘aceitação’ não significa tolerância; a palavra tolerância implica algo de menosprezo ou tratar de um mal que deve suportar como inevitável. Esta não é a atitude da Vedanta. Realmente crê que todos os caminhos, quaisquer que sejam, conduzem à Realidade, à Deus, e devem ser aceitos como verdadeiros.

A Vedanta diz: “O Ser, o Atman, é imortal; não nasce, nem morre, nunca houve um tempo em que não existisse, nem haverá um tempo em que não existirá. É eterno, não morre quando o corpo deixa de existir”. Sri Krishna também afirma o mesmo no *Bhagavad Gita*. Vamos examinar esta declaração. Vemos que tudo que é criado perece. Não há nada neste mundo que exista para sempre; inclusive os planetas, a terra, o sol, todos um dia irão desaparecer. Se a alma ou o Ser foi criado, então é lógico deduzir que perecerá. Mas todas as religiões insistem em que o Ser

continua existindo depois da morte do corpo. Esta crença também é inerente no ser humano. Quando isto é desta forma, é ilógico concluir que [o Ser] foi criado em algum tempo. Tampouco podemos sustentar que existam tantas almas como seres vivos – como dizem os *sankhias* – porque eles mesmos declaram que o Purusha, o Ser, é onipresente e eterno. O vedantista pergunta: “Como podem existir duas ou mais entidades eternas e onipresentes? Se isto fosse correto, uma vai limitar a onipresença de outras. Ou a onipresença de uma se estenderá sobre outras. Isto é absurdo; portanto não podemos dizer que haja mais de uma entidade onipresente e esta é a Realidade, a Existência Absoluta ou Deus”. Por este raciocínio também chegamos a mesma conclusão que a do não-dualista, que o universo, com seus seres vivos, é idêntico à Brahman.

Até agora falamos da filosofia Vedanta. Agora diremos quais são as práticas que a Vedanta sugere para alcançar a perfeição, a liberação, à Deus. A Vedanta não exige que fuçamos do mundo, que deixemos de cumprir com nossas obrigações e deveres. No entanto necessitamos mudar o modo de percepção das coisas. Os sábios que proclamaram esta filosofia Vedanta se aprofundaram na mente humana e chegaram à conclusão de que todos não têm a mesma aptidão, as mesmas tendências e inclinações. Sabiam que assim como os seres humanos são distintos em sua aparência física, da mesma forma cada qual tem uma disposição diferente dos demais, portanto deram liberdade a cada um para seguir suas próprias inclinações e desenvolver-se de acordo com sua disposição. É um fato bem conhecido de que quando se impede o desenvolvimento natural de uma pessoa, ainda que seja com boas intenções, o progresso desta se restringe e às vezes seu caráter se transforma em algo complexo. Sri Krishna definitivamente proíbe interferir no desenvolvimento natural do homem, quando diz: “Não se deve confundir o intelecto dos ignorantes que estão apegados às ações e aos rituais. Um sábio deve animá-los apresentando-se como exemplo da atividade”. Sri Ramakrishna explica – por dizer assim – este mesmo ensinamento da seguinte maneira. Diz: “A mãe prepara pratos diferentes para seus filhos, segundo o poder de digestão de cada um; para um dá peixe frito, para outro peixe cozido e para aquele que tem um estomago delicado, lhe dá apenas uma sopa de peixe. Do mesmo modo o *guru*, ou mestre espiritual, que conhece as tendências inerentes de seus discípulos, prescreve diferentes práticas para cada um segundo sua capacidade”. Vemos aqui que a tarefa de seguir um caminho não deve ser algo pesado, nem deve transtornar a aptidão do aspirante.

Portanto, a direção de um mestre perfeito que conheça todos os caminhos e também possa se aprofundar na mente do discípulo é necessário. Normalmente o ser humano não conhece bem suas próprias

inclinações; é atraído pelo intelectualismo e se considera apto para seguir o caminho do não-dualismo. Mas para aqueles que vivem em família, que são a maioria da humanidade, isto é perigoso. Até que não se renuncie a todos os gozos do mundo e a todos os desejos nos céus [após a morte], não se é apto para seguir este caminho. A renúncia total, interna e externa, é um requisito imprescindível deste caminho.

A atitude da devoção é a melhor nesta época em que o ser humano não pode superar a identificação com seu corpo. Neste caminho não é necessário arrancar os ternos sentimentos humanos, senão dirigi-los à Deus. Pode-se estabelecer qualquer das relações com Deus, a saber, a de um servidor ao seu amo ou patrão, a de um menino à sua mãe ou pai, a de um amigo, etc. O essencial é amar a Deus com todo o coração, rogar-lhe constante e ininterruptamente que se revele em nosso coração. Devemos destacar aqui que a renúncia, pelo menos a [renúncia] interna, é indispensável neste caminho também. A menos que se afaste dos apegos e das coisas mundanas, será impossível fixar a mente em Deus. A constante recordação de Deus é o melhor modo de dirigir a mente a Ele. Mas não se pode adquirir isto em alguns poucos dias, é uma tarefa de toda a vida. Por conseguinte, o aspirante deve designar certo tempo de sua vida diária, especialmente durante as horas da madrugada e do anoitecer, à oração e levar a cabo esta prática sem falta todos os dias. Aquele que anela ver a Deus sentirá o impulso para fazer estas práticas sem que ninguém lhe diga. Também é certo que à medida que se avança nas práticas sentirá esse anelo mais e mais. Até lá se deve continuar rezando como se fosse um dever. No início das práticas quase todos se sentiram assim, mas não se deve desesperar. Chegará um momento em que omitir a prática será como a falta do alimento. Este é o amanhecer do anelo por ver a Deus.

O terceiro caminho é o da ação. Ninguém pode evitar atuar. Fazendo bem aos demais a mente se limpa, mas nessa ação não deve haver nenhum motivo pessoal, não se deve desejar recompensa de nenhuma índole, nem ter desejo pela fama. Só é possível atuar assim quando se tem a total convicção de que tudo que está manifestado é Deus, que está servindo unicamente a Deus em todas essas formas. No entanto, esta convicção não se adquire pelo mero desejo de tê-la, é necessário imprimir na mente esta ideia uma e outra vez quando ela se equivocar e se orgulhar por haver realizado atos meritórios.

O controle psíquico é o quarto caminho. Neste caso o aspirante deve ser puro mentalmente desde o princípio. Aqui as práticas são duras, quase impossíveis de praticar nesta época. Portanto devemos ter muito cuidado antes de praticar as disciplinas que este caminho sugere.

Dissemos que cada ser humano tem que desenvolver-se segundo sua disposição natural. Em todos existem, em maior ou menor grau, as

inclinações para a devoção, a ação, o conhecimento e o controle psíquico. Segundo a sua preponderância na mente do aspirante, ele deve escolher o caminho adequado. O melhor modo é uma mescla de todos os caminhos, ou seja, efetuar boas ações, como ajudar aos demais sem interesse pessoal, orar, meditar em Deus, recordá-Lo sempre e tendo a convicção de que este mundo é Sua manifestação ou Deus mesmo.

Vamos recapitular. A filosofia Vedanta é ampla; todos podem servir-se dela sem que necessitem mudar sua própria religião. Segundo ela o ser é potencialmente divino, os desejos são os que cobrem sua divindade, esta é a ignorância. Os desejos obrigam ao ser humano a aferrar-se às coisas mundanas, tais como elas aparecem. O que o conhecedor de Brahman ou Deus adquire é ver ao universo em sua real perspectiva, não como se apresenta. A aparência é enganadora, enquanto que a Realidade detrás dela é Deus mesmo. Realizando-O, o ser humano se torna perfeito, se libera para sempre. Esta é, de forma breve, a essência da Vedanta.



Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.